

FIM-DE-SEMANA / Teatro

Corpo Santo, Um Século Depois é um espetáculo irregular. Mas vale pela segunda peça apresentada, Mateus e Mateusa, uma das melhores do autor. (Caio Fernando Abreu)



Sérgio Ilha e Vera Porto: interpretação das melhores vistas em Porto Alegre.

“MATEUS E MATEUSA”, QUASE UMA PEQUENA OBRA-PRIMA

Montar *Corpo-Santo* é uma tarefa difícil — pela complexidade da maioria de suas peças, pela linguagem às vezes confusa, por todo seu clima de alucinação, muitas vezes sem coerência ou lógicidade aparentes. Por outro lado, a simples opção de montá-lo por si só é um ato ilogável. Escolhendo duas de suas peças mais conhecidas — *Hoje Sou Um; e Amanhã Outro* e *Mateus e Mateusa* — a diretora Liana Vilas-Boas e o Grupo Scena Produções deram mostras de inteligência e bom gosto, embora a unidade do trabalho deixe a desejar.

Há poucas coisas que eu gosto menos do que não gostar de um espetáculo, e — claro — precisar escrever sobre ele. No caso de *Corpo-Santo, Um Século Depois*, felizmente, isso aconteceu pela metade. Não assisti a outras montagens de sua obra, conheço-as apenas através dos textos e, assim, não posso compará-las. Mas, creio que *Hoje Sou Um; e Amanhã Outro*, que abre o espetáculo, se frustra em sua realização e comunicação com a plateia a partir da concepção da diretora. Um dos textos mais complexos de *Corpo-Santo*, onde a megalomania do autor chega ao paroxismo de colocar a si próprio como personagem (embora fisicamente ausente) e referir-se a um certo J. J. de Q. L. (iniciais de José Joaquim de Queiros Leão) como, nas palavras do Rei Dourado, “um ente tão grande ou maior que o próprio Jesus Cristo” — na direção de Liana, esta peça perde muito de

sua força. Carece de maior movimentação cénica, as marcações são repetitivas e há bruscas alternações de ritmo, com longos silêncios ou momentos em que o texto praticamente se atropela — dificultando a compreensão do público ou se tornando simplesmente aborrecida. Liana reforçou também um certo clima de “intriga sexual”, com o Rei o tempo todo namorando as alias, a Rainha namorando o Ministro, a tal ponto que os aspectos políticos da peça ficam relegados a segundo plano.

Um outro problema são os figurinos e adereços de Sérgio Ilha e Vernei Almeida: há um excesso de cetins, stíass e brilhos, em combinações desagradáveis e colinas irritantes, como os dois lençóis de tule que as damas de companhia retorcem freneticamente nas mãos. Os resultados, no final, não são bons; o público se entendia, o texto não passa e os atores (à exceção da Rainha, Rosa Braga — uma atriz que deve ter muito a render) parecem pouco convintos de suas personagens.

Em compensação, Mateus e Mateusa é quase uma pequena obra-prima. Para o meu gosto pessoal, uma das melhores peças de *Corpo-Santo*, Mateus e Mateusa coloca em cena a decadente história de amor entre dois velhos que não param de se agredir (curiosamente, lembra um dos mais famosos contos de Dalton Trevisan, que virou filme de Joaquim Pedro de Andrade — *Guerra Conjugal*). Há uma verdadeira guerra entre o velho Mateus e a velha Mateusa, entre as

fêmeas Pedra, Silvestre e Catarina, na disputa dos favores do pai. E todo o talento desperdiçado de Liana na peça anterior, aqui é sabiamente aproveitado na reconstituição do mundinho sujo e solitário dos dois velhos. Irresistivelmente engraçada, apesar de sua crueldade, Mateus e Mateusa foi encantada por várias pequenas invenções da diretora — como o jornal furado pelo charuto, no início, ou a saída do criado Barriô de dentro do guarda-roupa, enquanto as personagens estavam por um momento, para logo retomar seu texto, seu conflito interminável. Figurinos muito bons, e uma interpretação das melhores vistas em Porto Alegre nos últimos tempos — Sérgio Ilha, perfeito como o velho Mateus, com todos os trejeitos que só um ator extraordinariamente sensível e observador poderia captar. A destacar também o trabalho de Vera Porto, como Mateusa, lembrando, nos melhores momentos, Dirce Migliaccio, uma das melhores atrizes características do País.

E o saldo, no fim das contas, é mais positivo do que negativo para o Grupo Scena, para Liana Vilas-Boas — uma diretora em quem o público deve prestar atenção — e sobretudo para quem assiste este oportuno, embora irregular, *Corpo-Santo, Um Século Depois*. Gilberto Perin (responsável, com Valdir Santos, pelo excelente programa), Vera Lúzardo (substituindo Joice de Britto e Cunha), Miriam Tesler e Oscar Fernando Simchi completam o elenco.



Irene Zucatto e Sílvia Veluz dirigidos por Irene

“A Mandrágora” no DAD, com texto atualizado

Irene Brietzke, atriz e professora do Departamento de Arte Dramática da UFRGS, é a diretora de *A Mandrágora*, comédia de Nicolau Maquiavel. Este é o primeiro trabalho de Irene depois da proibição de *O Aprendiz de Feiticeiro*, peça infantil de Maria Clara Machado. A *Mandrágora* entra em cartaz dia 18, no Teatro do CAD, à rua Salgado Filho, onde permanecerá até 19 de dezembro, de quintas a domingos, às 21h. A censura é até 18 anos, e o patrocínio, do Programa de Ação Cultural do Ministério de Educação e Cultura. Diz Irene Brietzke sobre este trabalho:

— Maquiavel dividiu o texto original de *A Mandrágora* em um prólogo e cinco atos, finalizando cada um deles com uma canção. No estudo, verifiquei que a peça era longa demais para o espectador moderno e efetuei vários cortes, sendo todos de passagens explicativas de ações que, para nós, hoje em dia, explicam-se por si. Desta forma, creio, não cortei o texto mas, isto sim, acelerei o desenvolvimento de sua ação dramática. E foi essa aceleração que me levou a passar o espetáculo, sem intervalos, em pouco mais de uma hora.

No elenco de *A Mandrágora* estão alguns alunos dos cursos

Direção Tetral, Licenciatura em Arte Dramática e Formação de Atores, como Carlos Cunha Filho, Décio Antunes, Antonio Carlos Brunet, Jussintra Kruger, Paulina Kramer, Roberto Amaro, Sandra Mahfuz, Sílvia Veluz e Iraí Zucatto.

— Como o prólogo da peça — continua Irene — é a voz do autor, não poderia recair sobre nenhum dos oito personagens, já que esses só o objeto da crítica de Maquiavel. Voi nesse momento que me surgiu a ideia de colocar em cena duas mulheres do povo, se contrapondo ao pequeno mundo fechado dos demais personagens. Elas fariam a apresentação da peça, diriam as canções de transição dos atos e mercariam todo o desenvolvimento do espetáculo. No meu entender, a introdução desses dois personagens foi a forma que encontrei de ser mais fiel ao autor. No mais, como Maquiavel, de acordo com a época, não colocou rubricas de indicação de movimento dos personagens, isto me deu margem para a criação de um espetáculo muito detalhado em termos de ação física. Finalmente, penso não ser necessário explicar porque considero *A Mandrágora* a melhor comédia do século XVI, e uma das melhores da história do teatro.

● **MO(VID)MENTOS e (IN)SPIRAÇÕES** — Hoje e amanhã, às 21h, no Teatro de Arena (altos do viaduto na Borges de Medeiros). Espetáculo de Luiz Arthur Nunes e Ana Mondini, com música, poemas e movimentos. Ingressos a Cr\$ 30,00 e Cr\$ 15,00.

● **SE** — Hoje e amanhã, às 21h, no Teatro do Instituto de Artes (Senhor dos Passos, 248). Peça de Sérgio Jockeyman com Tânia Carvalho e Renato Pereira no elenco. Ingressos a Cr\$ 50,00 e Cr\$ 40,00, reservas na Masson da Rua da Praia.